

Carmen Soares  
Irene Coutinho de Macedo  
(coords.)



ENSAIOS SOBRE  
PATRIMÓNIO ALIMENTAR  
LUSO-BRASILEIRO



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

Versão integral disponível em [digitalis.uc.pt](https://digitalis.uc.pt)

# CONFEITEIROS NA ÉPOCA MODERNA: CULTURA MATERIAL, PRODUÇÃO E CONFLITUOSIDADE<sup>1</sup> (The Confectioners in the Modern Era: Material Culture, Production and Bickering)

ISABEL M. R. MENDES DRUMOND BRAGA<sup>2</sup>  
Universidade de Lisboa (isabeldrumondbraga@hotmail.com)

RESUMO: Desempenhando uma actividade regulamentada quer ao nível da produção quer ao nível da progressão na carreira, com as tradicionais fases de aprendiz, oficial e mestre, a confeitaria era um dos muitos ofícios ligados às práticas alimentares das populações. A produção era, regra geral, em pequena escala, em casa dos próprios confeitadores e destinava-se à venda local, em resultado quer da quantidade limitada quer do tempo em que os produtos apresentavam boas condições para serem consumidos. Partindo de fontes manuscritas inexploradas para o estudo das actividades laborais da Época Moderna, designadamente processos do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, pretende estudar-se as actividades dos confeitadores, em especial os seus bens materiais, particularmente os que se relacionam com a profissão que desempenhavam, mas também os conflitos em que se envolviam com outros confeitadores, o que preparavam e vendiam e em que contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Confeitadores, Cultura Material, Santo Ofício, Portugal séculos XVI-XVIII

ABSTRACT: Performing a regulated activity in terms of production and career progression, with the traditional stages of apprentice, officer and master, the confectionery was one of many offices related to population's food consumption patterns. Production was generally done in small-scale, at home and was intended for local sale, as a result of a limited amount of time in which the products had good conditions to be consumed.

From untapped manuscript sources for the study of work activities in Modern Era, particularly the procedures of the Holy Office of the Inquisition, we intends to study up the activities of confectioners, especially their material goods, particularly those that relate to their profession, but also the conflicts between them, what did they produce and sold and in which contexts.

KEY WORDS: Confectioners, Material Culture, Holy Office, Portugal 16th -18th centuries

---

<sup>1</sup> A investigação desenvolveu-se no âmbito do projecto PTDC/HIS-HEC/104546/2008, *Muçulmanos e Judeus em Portugal e na diáspora: Identidades e Memórias (séculos XVI-XVII)*, co-financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pelo FEDER, através do Eixo I do Programa Operacional Factores de Competitividade (POFC) do QREN (COMPETE).

<sup>2</sup> Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. isabeldrumondbraga@hotmail.com

1. Sabe-se relativamente pouco acerca dos diferentes ofícios durante a Época Moderna. Qual a formação de quem os exercia? Como e durante quanto tempo se realizava a aprendizagem? Quem eram os clientes e que rendimentos auferiam os artesãos pelo seu trabalho? A que tipo de vida poderiam aspirar? Eis algumas perguntas a que gostaríamos de poder responder, centrando-nos nos confeitores e partindo de fontes aparentemente inusitadas, isto é, processos do Tribunal do Santo Ofício que foram movidos a elementos deste grupo socioprofissional, ao longo dos séculos XVI a XVIII<sup>3</sup>. Se é muito claro que o exercício dos ofícios estava devidamente regulamentado, através das corporações<sup>4</sup>, ao mesmo tempo que também se sabe que as edilidades marcavam os preços dos bens, faltam-nos muitos outros dados que permitam caracterizar a vivência, os patrimónios, as solidariedades e os conflitos quotidianos do mundo artesanal. Alguns trabalhos sobre grupos específicos, tais como alfaiates<sup>5</sup>, pintores<sup>6</sup>, diversos ofícios ligados ao couro<sup>7</sup>, ladrilhadores<sup>8</sup>, sem esquecer as informações contidas nos contratos de aprendizagem de vários ofícios envolvendo crianças abandonadas<sup>9</sup>, são de relevância diferenciada, quer em Portugal quer no Brasil colonial, onde a presença de escravos tornava o mundo artesanal particularmente diferente<sup>10</sup>.

Detenhamo-nos nos confeitores. Rafael Bluteau define-os como aqueles cujo ofício é fazer e vender doces. Por seu lado, a confeitaria é o local onde se fazem ou se vendem os referidos doces e os confeitos são os doces propriamente ditos, nomeadamente os que se servem de sobremesa<sup>11</sup>. Além dos confeitores, outros profissionais se ocupavam em preparar e vender doces, nomeadamente alfeoleiros, biscoiteiros, pasteleiros, a par de muitas mulheres igualmente dedicadas à doçaria específica como a aletria, o arroz doce, o cuscuz (que podia ser doce ou salgado) e as conservas de fruta<sup>12</sup>. Em Lisboa,

---

<sup>3</sup> A documentação inquisitorial tem sido aproveitada muito especialmente para estudar o funcionamento do Tribunal do Santo Ofício, em especial as vítimas e a repressão. Nos últimos anos, tem começado a ser evidente o potencial destas fontes para o estudo de outras realidades. Recordemos, por exemplo, estudos sobre a literacia, a alimentação das minorias étnico-religiosas, a sociabilidade e a cultura material. Cf., respectivamente, Marquilhas 2000; Castillo Gómez 2003; Braga 2004a; Mott 2001; Mott 2005 e Braga 2012.

<sup>4</sup> Sobre esta temática, cf. Langhans 1943-1946. Algumas informações resumidas em Langhans 1942; Langhans 1948. Cf. ainda Caetano 1959. Alguns dados foram sumariados em Pereira 1979.

<sup>5</sup> Ferreira 1951.

<sup>6</sup> Serrão 1983.

<sup>7</sup> Pereira 2008.

<sup>8</sup> Carvalho 2012: 79-105.

<sup>9</sup> Alves 2013.

<sup>10</sup> Cf. alguns trabalhos mais recentes, Lima 2008; Martins 2008. Sobre as corporações, as festas e os conflitos, cf. Santos 2005a e Santos 2012.

<sup>11</sup> Bluteau 1712: 453.

<sup>12</sup> Sobre estes ofícios, cf. Oliveira 1987: 97-100, Brandão 1990.